



A DOCTRINA DO PECADO DE MORTE COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO DE QUADRO DEPRESSIVO NOS MEMBROS DA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL¹

Evandro Rodrigues

Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

E-mail: *evandro_enops@hotmail.com*

¹ Apoio: MackPesquisa (PIVIC Mackenzie).

RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade analisar o grave problema moderno relacionado à depressão, com foco no sentimento religioso dos membros da Congregação Cristã no Brasil. Historicamente, as denominadas doenças do cérebro estiveram relacionadas a fatores espirituais, como o castigo por causa do pecado ou transgressão aos mandamentos divinos. Embora possua seu caráter terapêutico, o sentimento religioso vem sendo considerado como fator impeditivo para que os cristãos portadores de doenças mentais procurem tratamento terapêutico profissional. Dentro da teologia evangélica, determinados pecados, principalmente os de ordem sexual, são considerados como erros graves, passíveis de punição e castigo divino. O cristão, de maneira geral, vê-se em constante estado de tensão entre os desejos instintivos de seu corpo e os preceitos que regulam sua fé. Como agravante, a Congregação Cristã no Brasil tem defendido, ao longo de sua história, que os pecados de ordem sexual são delitos irreversíveis, considerados como “pecado de morte”. Dessa maneira, o membro dessa denominação parece viver maior tensão, pois, caso cometa algum pecado dessa natureza, perde a condição de filho de Deus e de membro da igreja. Diante disso, para o indivíduo que comete tal transgressão não resta mais esperança, pois seu “estado pecador” o coloca frontalmente em oposição a Deus, sem nenhuma perspectiva de restabelecimento espiritual diante do grupo. Assim, a pesquisa procura compreender as causas que levaram a Congregação Cristã no Brasil a adotar o que chama de “doutrina do pecado de morte” e sua relação inequívoca com os pecados de ordem sexual, bem como entender em que níveis essa doutrina pode influenciar os fatores que desencadeiam os quadros depressivos em seus membros.

PALAVRAS-CHAVE

Congregação Cristã no Brasil; depressão; pecado de morte; culpa; doutrina.

1. INTRODUÇÃO

A depressão tem sido considerada como o “mal do século”. Diante das dificuldades da vida, muitas pessoas veem-se incapazes de enfrentar os problemas de forma equilibrada, buscando soluções racionais e efetivas para cada desafio que a vida apresenta. A perda de um ente querido, o fracasso profissional em um mundo tão competitivo, as dificuldades em lidar com os filhos ou com os pais idosos, desilusões amorosas e tantos outros problemas acabam por minar as energias do indivíduo. Assim, em muitos casos, as pessoas preferem atribuir suas dificuldades e fracassos a entidades ou forças que povoam outro plano, o mundo espiritual, em vez de optarem pelo enfrentamento e resolução. Desde muito cedo, a humanidade tem feito uma relação direta e inequívoca entre os problemas e a atuação de forças espirituais, seja na forma de ingerência maligna dos demônios, seja como respostas punitivas das divindades a ações consideradas como pecados.

Na moralidade cristã existem categorias de pecados bastante definidas. Esses pecados, se cometidos, são passíveis de severa punição divina, já que Deus, embora misericordioso e compassivo, também é apresentado como o Grande Juiz. Dentro dessas categorias, nenhuma é mais temida do que os pecados de natureza sexual. Manter relações sexuais fora do padrão estabelecido pela Bíblia, ou seja, o casamento, fatalmente representará um grande agravo do cristão com relação a Deus. Dessa forma, o temor daqueles que não cometeram esse tipo de pecado ou a tristeza daqueles que o cometeram pode desencadear um angustiante processo de autopunição. Acrescentando-se as sanções eclesíásticas e a reprovação do grupo em que o indivíduo se encontra envolvido, obtém-se propícia condição para o desenvolvimento de doenças de ordem depressiva.

Após a Reforma Protestante, a autoridade sobre os assuntos de ordem espiritual foi transferida da Igreja para as escrituras. Diferentemente do cristão católico, o cristão protestante não possui o conforto da mediação por meio do sacerdote. Nos casos de pecado entre os protestantes, não basta a autoridade eclesíástica afirmar ao membro penitente que Deus o perdoa. Ele precisa confirmar nas escrituras se o seu pecado pode ser realmente perdoado por Deus. Dessa maneira, a interpretação

pelos cristãos protestantes à revelia da exegese bíblica, muitas vezes feita a partir de apenas alguns versículos bíblicos isolados, acaba por levar o crente à conclusão de que seu pecado não tem perdão. De certo modo, o protestante precisa “ouvir” sua absolvição diretamente de Deus.

A Congregação Cristã no Brasil é uma denominação considerada protestante. Porém, desde a sua origem, mantém particularidades em sua doutrina que a diferenciam das demais igrejas protestantes. Entre essas particularidades está a doutrina relacionada aos pecados de natureza sexual. O membro dessa denominação tem consciência de que, caso cometa esse tipo de pecado, é impossível ter sua condição restaurada diante de Deus e do grupo, pois a Congregação Cristã no Brasil relaciona os pecados sexuais com o “pecado de morte”. Uma vez cometido o pecado de morte, mesmo que haja arrependimento do pecador, este está excluído da comunhão com os irmãos e com Deus. Resta-lhe apenas o juízo final.

A assimilação desse tipo de doutrina, aliada ao preconceito da grande maioria dos cristãos com relação à psicologia e à psiquiatria, pode vir a representar importante fator de impedimento para que os portadores de depressão procurem tratamento adequado quando acometidos por doenças de ordem mental.

A presente pesquisa procura assim investigar se a doutrina do pecado de morte, da maneira como é concebida pela Congregação Cristã no Brasil, constitui fator de desenvolvimento da depressão e elemento agravante dos quadros depressivos entre os membros da denominação. Os objetivos visam identificar a influência da doutrina entre os membros, bem como compreender o desenvolvimento dessa doutrina e avaliar até que ponto sua assimilação dificulta o diagnóstico e o tratamento do portador de depressão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A busca pela compreensão da relação entre depressão e o sentimento religioso carece ser iniciada a partir de uma análise da cosmovisão do assim denominado “homem primitivo”. Em sua fase primitiva, o ser humano, desprovido do aparato científico para auxiliá-lo a explicar a realidade à sua volta, atribuía a

seres superiores – deuses e demônios – a causa dos fenômenos que o assombravam, como as doenças e as catástrofes naturais. Nesse sistema de compreensão de mundo, tudo aquilo que causava medo e sentimento de impotência estava relacionado diretamente a alguma ação humana que, de alguma maneira, desagradava aos deuses ou incitava os demônios, levando-os a agir, cheios de cólera, de forma punitiva, afligindo os homens. Como esclarece Émile Durkheim (1966, p. 231):

Com frequência se atribuíam as primeiras concepções religiosas a um sentimento de fraqueza e dependência, de temor e de angústia que teria se apoderado do homem ao entrar em contato com o mundo.

Nesse sentido, foram desenvolvidas ações visando aplacar a ira dos deuses ou repelir os demônios. Essas ações são denominadas “rituais”. Continua Durkheim (1966, p. 231): “Vítima de uma espécie de pesadelo criado por ele próprio, o homem teria se acreditado cercado de forças hostis e temíveis que caberia aos ritos apaziguar”. A organização dos ritos e crenças por determinada comunidade pode ser considerada como religião, como define Durkheim (1966, p. 32): “Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas”.

Para o antropólogo James Frazer (1982), há uma distinção entre magia e religião. A primeira operaria com forças da natureza, regida por leis rigorosas. A religião operaria com forças transcendentais, que controlam a natureza. Nesse sentido, a religião surge de um sentimento de impotência do homem diante da natureza, quando nem mesmo os processos mágicos são capazes de controlá-la. Para Frazer, outra característica distintiva entre magia e religião seria a individualidade de uma e a coletividade de outra. Assim, identifica-se um processo de evolução do sentimento religioso. O homem primitivo trabalharia apenas no campo da magia, realizando rituais que lhe possibilitassem manipular as forças da natureza e os espíritos dos mortos favoravelmente. Na religião, aparece o elemento transcendente, em que divindades que habitam um lugar fora do mundo atuam nele. A tese de Frazer foi logo refutada por outros antropólogos como Marcel Mauss, já que

religião e magia são igualmente complexas e se interpenetram. “Ambas fariam parte de uma mesma mentalidade mística, que se esforça em interpretar, conhecer e provocar a manifestação das potências sobrenaturais” (MONTERO, 1990, p. 12). Porém, a distinção feita por ele entre magia e religião ainda é aceita: na magia, o utilizador tenta controlar por meio de “técnicas” o mundo e os acontecimentos, enquanto, na religião, ele requisita o auxílio de espíritos e divindades.

A princípio, a religião seria definitivamente politeísta. O homem relacionava cada evento da natureza a uma divindade. Assim, em épocas de seca, havia uma divindade específica a ser invocada para que houvesse chuva. Em tempos de guerra, outra divindade era chamada para auxiliar o exército na peleja. Nessa fase, vários deuses eram cultuados, e notadamente havia rituais comprovando a ideia de relação entre pragas, doenças e demônios, como, por exemplo, os rituais de renovação do ano. Posteriormente, os hebreus inauguraram uma nova fase de cosmovisão, passando a eleger uma divindade única a ser cultuada no imenso panteão de divindades dos povos cananeus e povos circunvizinhos. Dentro dessa nova visão de mundo, permanece a intrínseca relação entre as catástrofes e o castigo divino, com a distinção de que, agora, as calamidades não eram causadas por espíritos, demônios ou múltiplas divindades, mas por uma única divindade, a saber, YHWH, o Deus hebreu:

Qualquer calamidade ou sofrimento era percebida pelos hebreus como um castigo de Iavé ou Jeová. Os Hebreus não raro se afastavam de Iavé, e se aproximavam de outros deuses como os Ba'als. Iavé então os punia com catástrofes, sofrimentos e doenças, para que retornassem ao caminho correto, afirmando sua fé no único e verdadeiro Deus (DEUS, 2010, p. 26).

Conforme também identifica Rudolf Otto (2005, p. 145):

O que o sentimento religioso primitivo captava sob a forma de “terror demoníaco” e que mais tarde se desenvolve, cresce e se enobrece, não é a origem ou é ainda algo de racional ou de moral, mas algo específico e precisamente irracional. [...] O próprio terror demoníaco que tem múltiplos graus eleva-se ao nível do temor dos deuses e do temor de Deus. O daimonion torna-se theion.

A personagem bíblica Davi, um herói hebreu, demonstra clara relação entre culpa e castigo. Nos salmos atribuídos a Davi é possível identificar traços de sentimento depressivo, especialmente no de número 31, onde afirma sentir-se angustiado, consumido de tristeza e sem forças. Importante notar que, no salmo em questão, o escritor faz uma interpretação de seu estado: “A minha força descai *por causa da minha iniquidade*” (Sl 31:10, grifo nosso).

Considerando a religião do ponto de vista de sua evolução, do totemismo ao monoteísmo é possível então perceber que culpa, pecado, doença e angústia aparecem repetidamente em uma dualidade relacional, ligados ao castigo divino. Porém, nos ensinamentos de Jesus Cristo é possível identificar uma tentativa de dissociação entre doenças e castigo. Analisando o episódio narrado no evangelho de João 9:1-3, em que os discípulos de Jesus, ao observarem um cego, interpelam-no para saberem se a doença era resultado de pecados cometidos pelos pais do doente ou por ele próprio, Pêrsio Gomes de Deus (2010, p. 34)) afirma:

Vê-se nesta passagem, que os discípulos de Jesus mantinham a compreensão judaica de que a doença é um castigo enviado por Jeová devido a um pecado. Jesus oferece um precioso ensinamento quando desvincula a doença da conseqüência do pecado.

Os judeus contemporâneos a Jesus e, posteriormente, os cristãos, não incorporaram essa abordagem de Jesus com relação a doenças e castigo, mas permaneceram na repetição da cosmovisão religiosa cristalizada ao longo de milênios. Jesus fez clara distinção entre doentes como paralíticos e leprosos; doentes mentais (lunáticos) e possessos. Porém, o cristianismo desenvolveu-se sob o mesmo paradigma judaico, no qual as enfermidades estariam relacionadas aos pecados cometidos, idolatria (culto a “deuses estranhos”), alguma forma de relação com o diabo ou com as “forças das trevas”. Conforme assevera Jean Delumeau (2003, p. 574):

É preciso lembrar que Jesus, por três vezes, levantou-se contra a associação explicativa entre pecados e desgraças: a propósito do cego de nascença (Jo 9,1-4), das vítimas da torre de Siloé e dos

galileus massacrados por Pilatos (Lc 13,2-6). Mas essa lição tão moderna do Senhor durante muito tempo foi esquecida.

Desde os seus primórdios, a igreja cristã incorporou a dualidade da filosofia grega, na qual tudo o que é relacionado à matéria é ruim, ao passo que as coisas concernentes ao “mundo espiritual” (mundo das ideias, no platonismo) são boas e puras. Dessa maneira, o cristão vive a ambiguidade de dois mundos, angustiando-se nessa constante tensão. Em sua hermenêutica relacionada a diversos escritos do Novo Testamento, como a Carta de São Paulo aos Gálatas, em seu capítulo 5, versículo 17: “Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si”, o cristão vê em si mesmo seu maior inimigo na trajetória que deve percorrer rumo a uma vida de santificação que, em seu entendimento, agrada a Deus. Seus desejos e inclinações passam a concorrer diretamente com as exigências de sua fé.

Precisamente na questão sexual é que o dilema é notado em sua forma mais aguda. As escrituras judaicas não permitem uma interpretação de que a sexualidade é algo ruim, pecaminoso. O livro Cântico dos Cânticos, por exemplo, retrata em forma de poema a beleza da união entre um homem e uma mulher. Porém, mesmo considerando as escrituras judaicas do Antigo Testamento como inspiradas por Deus, os cristãos, em sua teologia, passam a fazer uma leitura alegorizante dessas passagens, interpretando o homem como Jesus Cristo e a mulher, ou noiva, como a igreja.

É igualmente estranha à Bíblia a noção de uma queda no sensível e no múltiplo. Por outro lado, esses dois temas provêm do platonismo e de sua posteridade. Mesclados com o Cristianismo, eles levaram à duradoura nostalgia de um primitivo homem-anjo *sem sexualidade*, “espiritualizado”, dedicado à pura contemplação. Daí o sucesso persistente da idéia, já presente em Santo Agostinho e amplamente aceita no século 12, de que o homem foi criado para substituir os anjos caídos na cidade celeste (DELUMEAU, 2003, p. 20, grifo nosso).

Ao tratarem da sexualidade humana, católicos e protestantes valem-se dessa tradição neoplatônica agostiniana, que

vê no sexo função meramente reprodutiva. Aquilo que é erótico e prazeroso não pode ser considerado como dádiva divina, mas como expressão terrena, carnal, que deve ser reprimida. Conforme esclarece Rubem Alves (2005, p. 214):

Combinam-se, assim, na moral sexual, duas determinações. A primeira delas exige que o sexo se desvincule do erótico. A segunda exige que a função sexual se subordine à intenção consciente da procriação. O que é importante enfatizar é que a doutrina da sexualidade pressupõe uma antropologia. E Agostinho, neste caso específico, é a influência determinante tanto da antropologia católica quanto da antropologia protestante. Mas por detrás de Agostinho encontra-se o pensamento grego acerca do homem, que divinizava as funções intelectuais da alma em detrimento dos impulsos vitais do corpo.

Dessa forma, a relação sexual só é permitida dentro de uma regra, cumprindo-se a exigência doutrinária para receber a concessão: o casamento civil. Qualquer relação sexual fora do casamento é considerada pecado, passível de sanções.

Continua a dizer Rubem Alves (2005, p. 209):

A moralidade sexual protestante é regida por um princípio extremamente simples e que não permite ambigüidades: *O sexo é permitido se, e somente se, ocorrer dentro do casamento.* Atos de natureza sexual e relações sexuais antes do casamento ou que, após o casamento, transgridem os seus limites, são terminantemente proibidos. São pecados que devem ser punidos.

Em todo desenvolvimento da fé cristã percebe-se claramente essa dicotomia entre alma e corpo, mundo material e mundo espiritual. O corpo do cristão não pode ser um fim em si mesmo, mas apenas um instrumento para que dele Deus se utilize para seus propósitos. Portanto, atender às inclinações do carne, aos instintos do corpo, é uma decisão que entra por uma via diametralmente oposta à vontade de Deus. E contrariar a vontade de Deus significa viver em oposição a ele, sujeito às penalidades e aos castigos que ele impõe ao impenitente. Diz a Carta aos Hebreus 10:31: “Horrrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo”. Cabe então ao cristão reprimir as exigências de

seu instinto humano para satisfazer o que acredita ser a vontade de Deus. A proposta é bastante clara. Buscar a satisfação dos desejos implica inimizade com Deus, castigos temporais e condenação eterna. Reprimir os desejos implica bênçãos temporais e a felicidade de uma vida eterna no paraíso.

Nessa lógica, a sexualidade parece ser a manifestação última dos desejos que afastam o cristão de seu Deus. Praticá-la fora dos parâmetros estabelecidos, além de um pecado grave por si mesmo, agrega outras práticas igualmente condenáveis, como a luxúria e o erotismo. Para se resguardar dessas práticas e, evidentemente, livrar-se das penas, vê-se na doutrina católica um ponto alto da dicotomia entre corpo e alma: o celibato. Ser um ministro do Senhor autorizado a manipular os elementos sacramentais e, ao mesmo tempo, atender aos instintos sexuais são ações completamente excludentes. Para que o cristão católico seja um sacerdote de Cristo, é necessário fazer uma escolha radical. Precisa abrir mão de suas inclinações e desejos, principalmente os de ordem sexual e entregar sua vida integralmente ao serviço da igreja.

Para o cristão protestante, o celibato não é uma exigência. Porém, a visão sobre a sexualidade humana não é diferente. O sexo não pode ser visto como bênção, destinado ao prazer, mas como mero instrumento de reprodução que atende a uma exigência das escrituras: “crescer e multiplicar”. Ao líder protestante é concedido o direito de manter uma vida sexual ativa, porém, dentro de rígidos padrões estabelecidos. Qualquer conduta sexual fora da norma desabilita o ministro protestante a desenvolver seu trabalho. Esse padrão estende-se a todos os demais. Qualquer relação sexual mantida por um casal antes do casamento (fornicação) ou fora dele (adultério) é considerada um pecado grave, digno das sanções eclesiásticas mais rígidas. Independentemente da confissão denominacional, esse padrão é invariável em todas as denominações protestantes.

Os corpos diretivos das denominações funcionam como uma espécie de tribunal que precisa julgar os casos de pecado entre os membros. Para tanto, é necessário estabelecer claramente quais são as condutas passíveis de pena. Para todo protestante é clara a noção de que o homem é pecador por natureza, sendo todas as suas inclinações más diante de Deus. Porém, determinados tipos de pecados – que podem ser classificados

como de “foro íntimo” –, como a mentira, a fofoca e a avareza, devem ser apenas confessados a Deus, com arrependimento e desejo de que Deus auxilie o crente a mudar de atitude. Já os pecados que se tornam públicos, como a fornicação, o adultério e os vícios, precisam ser julgados pela liderança da denominação. Obviamente, se todos os pecados fossem julgados pelo tribunal eclesiástico, esse tribunal tornar-se-ia impróprio para realizar tal julgamento, já que os protestantes têm consciência de que todos são passíveis de pecar, inclusive os que julgam. Assim, dentro da estrutura de pensamento protestante, os pecados que devem ser julgados estão claramente definidos, não pela constituição ou pela confissão da denominação, mas por um código de conduta que todos conhecem:

Onde estão, formalmente definidos, os pecados passíveis de punição? Em nenhum lugar. Nesse caso as definições constituem uma série de acordos silenciosos que todos conhecem, sem necessidade de codificação. A prática disciplinar revela uma persistente regularidade no que se refere aos pecados que são punidos, de tal sorte que é possível organizá-los em cinco classes distintas. A primeira classe é composta de *pecados do sexo* (ALVES, 2005, p. 208).

Quando o indivíduo se submete ao processo denominado “conversão” dentro da fé cristã, passa a ter sua visão da vida, do mundo e do próprio corpo profundamente alterada. Ele precisa passar por uma adequação radical de comportamento e linguagem. Engaja-se então nessa batalha entre corpo e espírito, entre as coisas espirituais e as coisas materiais, que são opostas entre si. Precisa desprezar linguagem e conhecimento próprios, assumindo uma nova racionalidade, com uma filosofia subjacente – no caso, o platonismo agostiniano. Seus desejos e vontades precisam ser reprimidos, amoldados a nova confissão assumida. Seu comportamento precisa ser alinhado aos parâmetros da estrutura da qual passa fazer parte para que não lhe sobrevenham as sanções eclesiásticas, a reprovação do grupo e os castigos divinos. Para Rubem Alves (2005, p. 220), essa adequação do corpo a essa nova racionalidade constitui inevitável fator de desenvolvimento de neuroses:

Na moralidade sexual e na ética do corpo, encontramos, a meu ver, a forma concreta daquilo que já indicamos quando discutimos a teoria protestante do conhecimento: o protestantismo substitui a vida pela linguagem, o corpo pela palavra, a experiência por um dizer que a ignora. E se a essência da neurose é a repressão do corpo por uma racionalidade que lhe é estranha, temos de chegar à conclusão de que a ética protestante tende, inevitavelmente, a produzir neurose. Mas o protestantismo é apenas uma espécie de um grande gênero que inclui o catolicismo.

As doenças mentais foram tratadas, ao longo da história e na maioria dos casos, relacionadas à possessão demoníaca ou ao castigo divino. Ficar “louco” sempre foi visto como resultado punitivo sobre aqueles que questionam a estrutura religiosa ou contra ela se rebelam. “O conceito de doença mental é recente, tem cerca de trezentos anos. O homem primitivo considerava a doença mental como manifestações do sagrado em sua forma mais negativa” (GOMES, 2010, p. 138). Forjado nessa estrutura que trata os instintos sexuais e demais desejos como impuros, somada à informação de que Deus é um juiz implacável, pronto a castigar os deslizes dessa natureza, o cristão, até hoje, dificilmente consegue enxergar a depressão como uma doença biológica, que precisa ser submetida a um tratamento apropriado.

O médico psiquiatra Pêrsio Ribeiro Gomes de Deus (2008, p. 81) assim define a depressão, em sua dissertação de mestrado:

A neurociência entende a depressão como sendo uma desordem do funcionamento cerebral, que afeta e compromete o funcionamento normal do organismo, com reflexos ou conseqüências na vida pessoal em seus aspectos emocionais ou psicológicos, familiares e sociais. A doença depressiva deve portanto ser examinada sob o ponto de vista biológico, genético, cognitivo, social, história pessoal, econômica e espiritual.

A depressão corresponde a um estado de doença onde o cérebro tem seu funcionamento normal alterado. A depressão, ou síndromes depressivas, são doenças multicausais, portanto com a interferência de diversos fatores causais. Nas depressões ocorre um comprometimento multigênico, sendo até três vezes mais frequente em pessoas com antecedentes hereditários positivos.

Porém, essa valiosa informação de que a depressão corresponde a um estado de doença do cérebro, afetando todo o funcionamento do organismo, não está, até o momento, acessível à grande maioria da população. O sentimento religioso no cristão portador da doença depressiva não lhe permite encarar seu estado de debilidade como uma enfermidade que carece de tratamento terapêutico específico. O que permanece é a clara associação entre tristeza e angústia à crença de que Deus não está satisfeito com a conduta do indivíduo ou, em uma linguagem própria, este estaria passando por algum tipo de “provação” divina.

Em se tratando de uma doença multicausal, o tratamento também necessita de focos múltiplos. Entre as causas principais, pode-se relacionar a

[...] predisposição genética; desequilíbrio químico; efeito secundário – diversas enfermidades trazem como consequência a depressão, por isso chamada de causa secundária – reação a perdas; culpa; opressão espiritual; estresse (AITKEN; AITKEN, 2007, p. 17-19).

Dessa forma, uma avaliação equivocada e unilateral por parte do doente, médico ou do líder espiritual pode ter efeitos prejudiciais para a recuperação e cura da depressão.

Em face das perspectivas elencadas, passa-se a uma análise relacionada à maneira como o membro da Congregação Cristã no Brasil lida com as questões sobre os pecados de ordem sexual, com a depressão, e de que maneira o pecado influencia o membro em estado depressivo.

A Congregação Cristã no Brasil, doravante designada pela sigla CCB, é uma igreja protestante de cunho pentecostal fundada no Brasil em 1910, nas bases do movimento pentecostal norte-americano do início do século XX. Algumas características e peculiaridades tornam-na o que pode ser chamado de “um pentecostalismo *sui generis*” (FOERSTER, 2006, p. 121), por conta de seu afastamento tanto das igrejas de confissão evangélica denominadas históricas quanto das igrejas oriundas do mesmo movimento em que ela nasceu, as chamadas pentecostais históricas. Seus ensinamentos são transmitidos oralmente, com raras publicações. O novo converso na CCB não passa por nenhuma espécie de curso preparatório para o batismo – único

ato de iniciação/aceitação de novos membros – e nenhuma outra forma de doutrinação por parte da liderança para se integrar a comunidade. Dessa forma, é por meio da observação dos ritos e da conduta dos “domésticos na fé”² que o novo converso vai estruturando sua cosmovisão, comportamento e confissão, de maneira a reproduzir a estrutura vigente no grupo.

Se a ética protestante procura estabelecer distinção com relação ao catolicismo, a CCB, por sua vez, procura estabelecer uma distinção ainda mais radical. Apresenta-se como separada tanto do catolicismo quanto das demais denominações protestantes. Ela se considera uma “comunidade religiosa fundamentada na doutrina apostólica”. Aqui, o termo “apostólico” denotaria o desejo de restaurar as origens do cristianismo, já que, para essa denominação, todas as outras vertentes do cristianismo estão afastadas do que consideram a “sã doutrina de Jesus Cristo”.

A CONGREGAÇÃO CRISTÁ NO BRASIL é uma comunidade religiosa fundamentada na doutrina apostólica (Atos 2:42 e 4:33), apolítica, sem fins lucrativos, constituída de número ilimitado de membros, sem distinção de sexo, nacionalidade, raça, ou cor, tendo por finalidade propagar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor a Deus, tendo por cabeça só a Jesus Cristo e por guia o Espírito Santo (São João, 16:13) [...] (CONGREGAÇÃO CRISTÁ NO BRASIL, 2004, art. 1º, grifo nosso).

Para compreender com maior clareza as bases da doutrina ensinada na CCB, faz-se necessário um olhar para o início de sua organização, tendo como pilar as ideias de seu fundador, Louis Francescon. Francescon é peça fundamental para o entendimento das origens da CCB não somente por ser o fundador, mas também por deixar as bases dos ensinamentos que se tornaram fundamentos inabaláveis na Igreja. Ou como os anciães³ brasileiros costumam denominar: “nossas santas tradições” (CCB, Resumo de Ensinamentos da Assembléia de 2002, Tópico 21).

² Termo que designa um membro ativo, já batizado.

³ A CCB utiliza a designação “anciães” ou “anciãos” para os líderes da denominação, o que equivaleria ao “pastor” nas demais denominações evangélicas.

Louis Francescon é de origem católica. Italiano, erradicou-se nos Estados Unidos no fim do século XIX, em meio à efervescência religiosa dos movimentos denominados *Holiness*. Após sua conversão ao protestantismo, foi cofundador da Primeira Igreja Presbiteriana Italiana em Chicago, juntamente com algumas famílias da fé valdense. Logo assumiu posição de liderança, eleito diácono e, algum tempo depois, ancião. O termo “ancião” acabou prevalecendo posteriormente na estrutura da CCB, tornando-se marca distintiva na denominação dos seus líderes. Em seguida, alegando uma experiência pessoal com relação ao batismo, que, conforme suas leituras, deveria ser por imersão, deixa a Igreja Presbiteriana Italiana e passa a frequentar a *North Avenue Mission* (Missão da Avenida Norte), liderada pelo pastor William H. Durham, onde passou pela experiência do “batismo com o Espírito Santo”. Em 1910, após uma passagem pela Argentina, Francescon chega ao Brasil, onde intenta visitar as colônias italianas. Em visita ao Paraná, deixa organizada a que se tornaria a primeira Congregação Cristã no Brasil, na cidade de Santo Antônio da Platina. Toda a ação de Francescon é, em seu entendimento, movida pelo Espírito Santo. Por meio de profecias e revelações, Deus o havia incumbido de levar o movimento nascido em Chicago para outras partes do mundo, principalmente onde houvesse colônias italianas:

Meu coração duvidava em tomar aquela estrada, porém, me senti de ir à estação e consultar o mapa e o *Espírito Santo me indicou* a tomar a Estrada de Ferro Sorocabana, que percorria o Estado de São Paulo, passando perto do norte do Estado do Paraná, e sua última estação era Salto Grande. Parti de São Paulo às 5:30 horas com uma terrível dor lombar que me impediu tomar alimento durante todo aquele dia. Cheguei a Salto Grande às 23 horas e nesse lugar o Senhor me disse ter preparado tudo para mim, a fim de cumprir minha missão; e assim aconteceu, porém faltavam cerca de 70 km a cavalo, atravessando matas virgens infestadas de jaguaras e outras feras existentes no lugar. Pela Graça de Deus, fiz este resto de viagem com um guia indígena, chegando em Sto. Antônio da Platina, em 20 de Abril. Outra dificuldade que encontrei foi não conhecer uma palavra do idioma português, e achar-me sem dinheiro e doente; Deus, porém, que tem todos os corações em suas mãos,

me fez ver a primeira maravilha: ao chegar naquele local, encontrei na janela a esposa do italiano V. Pievani *tendo o senhor lhe dito: “Eis o homem que Eu vos envie!”*. (note-se que eu não era lá esperado). Assim, fui recebido em sua casa e poucos dias depois, *o Senhor comprazeu-se em abrir seus corações* e de mais 9 pessoas. Foram batizadas na água 11 pessoas e confirmados com sinais do Altíssimo. Estas foram as primícias da grande obra de Deus naquele país (CONGREGAÇÃO CRISTÁ NO BRASIL, 2002, p. 44-46, grifo nosso).

Esta passaria a ser a grande marca da CCB: uma igreja movida pelo Espírito Santo, diferente de todos os demais segmentos cristãos, com moralidade extremamente rigorosa. Até hoje há na CCB doutrinas que regulam acerca do cabelo, trajés e comportamento dos membros. Para a CCB, as demais denominações não seriam “guiadas pelo Espírito Santo”, já que as pregações são preparadas com antecedência, e não “reveladas pelo Espírito Santo”, e suas doutrinas “frouxas” com relação às vestimentas e comportamento dos membros revelam que estas não são a “obra de Deus”. Portanto, a CCB destaca-se no cenário evangélico como uma igreja separada, escolhida por Deus para preservar a “sã doutrina”. Essa consciência pode ser explicada pelas palavras de Louis Francescon, que idealiza o que seria a “Constituição da Igreja Perfeita”. Essa constituição foi adotada pela CCB no Estatuto de 1936.

CONSTITUIÇÃO DA IGREJA DE DEUS

Jesus é a cabeça da Igreja. O Espírito Santo é a Lei para guiá-la em toda a verdade. Sua organização é a Caridade de Deus no coração de seus membros, que é o vínculo da perfeição. Onde esses três não governam, é satanás que governa em forma de homem para seduzir o povo de Deus com sabedoria humana.

Naquilo que concerne à moralidade sexual, a CCB segue o mesmo paradigma das demais igrejas evangélicas. O sexo não é finalidade, mas instrumento. Não é graça, mas concessão. Deve ser praticado dentro dos parâmetros estabelecidos, ou seja, apenas dentro do casamento civil. Porém, há aqui uma postura bastante distintiva com relação aos pecados sexuais. Na doutrina da CCB, a relação sexual mantida fora do casamento é considerada um pecado irreversível. Essa doutrina entende

que o pecado de ordem sexual é o que a Bíblia classifica como “pecado de morte”, em uma interpretação particular de alguns textos bíblicos como:

Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne (1 Cor 6:16).

Se alguém vir a seu irmão cometer pecado não para morte, pedir, e Deus lhe dará vida, aos que não pecam para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que rogue. Toda injustiça é pecado, e há pecado não para morte (1 Jo 5:16-17).

É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia (Hb 6:4-6).

A prática sexual fora do casamento é vista como passível não apenas de punições no nível eclesiástico, mas também passível de punição eterna. Sobre a definição dos pecados sexuais como “pecados de morte”, evidencia o Resumo de Ensinamento da Assembleia Geral da denominação, dos anos de 1936 e 1984:

INFIDELIDADE MATRIMONIAL

Se alguns dos cônjuges tornar-se [sic] infiel ao matrimônio, deixa-se a decisão do caso a critério da parte ofendida, pois a lei de nosso país permite divórcio a vínculo, que somente nesse caso Deus permite. (S. Matheus 19:9). *O pecador será excluído da comunhão com os fiéis* (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 1936, grifo nosso).

02 – ERROS DE DOUTRINA: PREGAR QUE ADULTÉRIO NÃO É PECADO DE MORTE [...]

Quem pregou que adultério não é pecado de morte deve se retratar perante a irmandade e desfazer o que disse. Se alguns pecaram e depois declararam que se sentem perdoados, isto é entre eles e Deus. De nossa parte não os impedimos de se congregarem (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 1984, grifo nosso).

Assim, a CCB tem defendido que todo membro batizado que comete o pecado de fornicção (sexo antes do casamento) ou adultério não possui nenhuma oportunidade de perdão e reconciliação com Deus. Em um linguajar mais próprio, afirma-se que tal pessoa “perdeu o direito da vida eterna”. Conforme Marcelo Ferreira da Silva (2007, p. 208-209) afirma,

[...] muitos membros da CCB que cometem o pecado de adultério ou prostituição entendem que não têm mais perdão, porque “blasfemaram contra o Espírito Santo”. [...] A interpretação da CCB leva ao [sic] membro que cometeu adultério ou algum pecado de natureza sexual a perder toda a sua esperança em Deus, ignorando a misericórdia divina (Jo 10.10; 1Jo 2.1,2). Por causa dessa interpretação, alguns membros da CCB, por se acharem indignos de qualquer forma de perdão, suicidaram-se, e muitos, para não dizer milhares, pararam no caminho, passando o restante de suas vidas depressivos, envergonhados, cabisbaixos, num estado realmente deplorável.

Importante ressaltar que, em um discurso externo, os membros são ensinados a rechaçar tal afirmação, dizendo que aquele que comete esse tipo de pecado deve continuar “congregando”. Porém, internamente, a maior parte da membresia tem a consciência de que esse tipo de pecado não pode ser perdoado. É comum o uso de termos pejorativos com relação aos membros que cometeram essa infração. Diz-se de tal pessoa que “caiu da graça”, “já era” ou que “rodou”. Como aparece explicitado em citação acima, na ocasião da Assembleia Geral do ano de 1984 da denominação, a liderança está sendo doutrinada a voltar atrás, caso algum líder da igreja tenha ensinado que o adultério não é pecado de morte. O fato é que, em toda a história da CCB, não há um único caso de líder, por exemplo, que, caído em pecados de natureza sexual e, mesmo arrependido, tenha sido restaurado as suas funções na instituição.

Irão contestar-me dizendo que a comunidade não rejeita nunca o pecador. Para os propósitos de nossa análise, entretanto, não importa o que os crentes, individualmente, possam sentir. Interessa-nos indicar que a disciplina é um ato comunitário-jurídico, pelo qual se interdita ao pecador a participação nos

sacramentos. Ele poderá estar presente fisicamente, no local onde se celebram os cultos. Mas a Igreja lhe nega o direito de participar naquilo que é sua própria essência: o sacramento (ALVES, 2005, p. 249).

Analisando a forma como os membros realizam as orações nos cultos públicos, fica evidente a consciência de que, uma vez cometido o pecado, não há mais possibilidade de perdão. Para o membro da CCB há uma distinção entre pecado e “erros ou faltas”. Estes últimos podem ser perdoados por Deus. Já o primeiro, não. Por isso, os membros oram assim: “Senhor, perdoe nossos erros e faltas cometidas por pensamento, palavras ou obras”. Em hipótese alguma a oração, na CCB, menciona a palavra “pecado”, pois esta está ligada aos delitos de ordem sexual. Já os “erros e faltas estão relacionados aos pecados de foro íntimo, como a mentira, o roubo, o ódio, inveja etc.

Como já exposto anteriormente, entre os círculos evangélicos há uma clara dicotomização entre doenças de origem psicológica e física. Geralmente, o portador de doenças psíquicas é visto na comunidade como um indivíduo que está sendo punido por causa de algum pecado, ou que não consegue obter o perdão divino. No caso da CCB, essa constatação dá-se por conta da interpretação de alguns textos bíblicos como Sl 51, Sl 32, Ez 18:4, Mt 12:31, Hb 2:3. Essa suposta validação nos textos bíblicos poderá então desencadear ou acentuar um quadro depressivo, pois adiciona o sentimento de culpa no indivíduo. Ressalta-se que tais passagens estão interpretadas à revelia da exegese bíblica, em uma hermenêutica particular da denominação. Importante salientar que, para o cristão protestante, não basta ouvir do pastor ou de qualquer outra pessoa que Deus perdoa determinado pecado que tenha cometido. Diferentemente do cristão católico, que possui no sacerdote a figura de mediador, o protestante precisa “ouvir”, nas Escrituras, se de fato seu pecado pode ser perdoado:

Nestes casos, os recursos da graça que a Igreja Católica confia de modo particular a seus sacerdotes poderão ser de grande valia para a elaboração de uma concepção da vida, pois sua forma e seu significado se acham, desde o início, ajustados à natureza dos conteúdos inconscientes. É esta a razão pela qual o sacerdote católico não somente escuta a confissão dos pecados, como

também interroga o pecador, e deve mesmo interrogá-lo; pode perguntar-lhe também coisas que dizem respeito ao domínio específico do médico. [...] Para o diretor de almas protestantes o problema não é assim tão fácil, pois, fora a oração e a sagrada comunhão em comum, ele não dispõe de cerimônias rituais (tais como retiros espirituais, o rosário, as peregrinações, etc.) com seu simbolismo expressivo, e é por esta razão que ele se vê obrigado a orientar a sua ação no terreno da moral, onde as forças instintivas do inconsciente correm o risco de sofrer um novo recalque. [...] A simplificação puritana privou o protestantismo dos meios com que pudesse agir sobre o inconsciente; em qualquer caso, despojou o pastor da qualidade de mediador (tão necessária para a alma). Ao invés disto, deixou o indivíduo entregue à própria responsabilidade e a sós com seu Deus (JUNG, 1983, p. 352-353).

Parafraseando Durkheim (2007, p. 102), o membro religioso da CCB que comete o pecado de morte vê-se punido pelas sanções legais, o que é chamado de “perda de liberdade⁴”; além disso, sofre também as chamadas sanções espontâneas – aplicadas pelos indivíduos do grupo por conta de uma conduta não adaptada. Finalmente, recebe toda a carga emocional e psicológica por acreditar que Deus “deixou de amá-lo” ou de tê-lo como filho. Nesse sentido só lhe restam o juízo final e o inferno. É comum casos de membros que, após cometerem esse tipo de pecado, mergulham em uma vida dissoluta moral e espiritualmente, por entenderem que devem “aproveitar a vida”, já que se encontram condenados definitivamente. Há relatos também de pessoas que, em um quadro depressivo profundo, cometeram ou tentaram cometer suicídio, como cita Marcelo Ferreira da Silva (2007, p. 208-209).

O médico psiquiatra e psicanalista Carl Gustav Jung (1983, p. 42), que era protestante, descreve suas experiências com os conflitos que os indivíduos enfrentam diante das sanções eclesiais:

⁴ A palavra “liberdade” no contexto da Congregação Cristã no Brasil denota a possibilidade de o membro desenvolver atividades culturais como participar da orquestra, fazer orações públicas, dar testemunhos ou, no caso de um membro que ocupe algum cargo de liderança, exercer o ministério. Portanto, “perder a liberdade” significa sofrer uma sanção definitiva e total, não podendo mais realizar qualquer atividade, tendo apenas a possibilidade de participar, em silêncio, dos cultos regulares.

Em minha profissão tratei de indivíduos que não queriam ou não podiam submeter-se à decisão da autoridade eclesiástica. Tive de acompanhá-los através de suas crises e violentos conflitos, do medo de enlouquecer, dos seus desequilíbrios e depressões.

Outra forma de influência da doutrina do pecado de morte em casos depressivos está relacionada aos membros que não cometeram pecado dessa natureza, mas vivem em constante angústia por conta dessa possibilidade. Por acreditarem que podem, a qualquer momento, perder a vida eterna, alguns membros da CCB vivem um constante e interminável conflito, principalmente entre os adolescentes e jovens, por causa do medo de não resistirem à tentação sexual. O dilema baseia-se na possibilidade de perderem a liberdade dentro da organização e, finalmente, irem para o inferno. Destaca-se uma expressão bastante comum entre os membros: a chamada “prova espiritual”. Essa expressão está relacionada a um sentimento de tristeza profunda, em que o indivíduo afirma que “não está sentindo a presença de Deus no coração”. Outra expressão comum entre os membros é “angústia de alma”, que descreve um estado permanente de angústia, denunciando um sintoma depressivo.

Alguns depoimentos e questionamentos de membros da CCB colhidos em sites de relacionamento e blogs da rede mundial de computadores ilustram a maneira como esses cristãos lidam com a questão do pecado de morte. Abaixo, a transcrição de dúvidas feitas no site de relacionamento Orkut, em uma comunidade denominada “CCB Congregação Cristã no BR”:

[...] conheço uma pessoa batizada na CCB que cometeu adultério, hoje se encontra muito arrependido e quer o perdão de Deus, porém alguns irmãos da Igreja afirmam q este ja nunca tera [sic] o perdão, e esta condenado...o que dizer sobre isto? (ORKUT, 2009).

Tema “difícil”

Bom... fala-se em pecado...

Pecado de morte.

O que é pecado de morte para vcs [sic]?

Porque vemos em nosso meio dizerem que pecado de morte é o “adultério”. Mais [sic] será mesmo que Deus ã [sic] perdoa o adúltero caso ele vem a se [sic] arrepender? (ORKUT, 2009, grifo nosso).

Em um blog encontra-se registrado o depoimento de uma pessoa que, depois de cometer adultério, demonstra angústia e sofrimento por querer alcançar o perdão divino. Ela teme ter perdido a salvação e, em suas palavras, acredita na possibilidade de Deus não poder perdoá-la:

Irmão Mario, a paz de Deus!

O que acontece realmente é que cometi adultério, e não sei o que eu faço, todos os dias choro muito, fui buscar na palavra e o senhor já falou comigo muitas vezes, mas mesmo assim ainda dentro do meu coração fica aquela tristeza, primeiro porque pequei contra Deus e depois contra o meu esposo, fiquei muito triste e penso como tive a coragem de magoar o coração do senhor, porque eu ammo [sic] demais nosso Deus, mas na hora em que aconteceu não pensei em nada e confesso que isso foi somente minha culpa, naum [sic] tento colocar culpa no meu esposo, pq [sic] na verdade ele não tem nenhuma, todos os dias tenho raiva de mim mesma, porque até agora estou inconformada com meu ato terrível e sempre fica uma dúvida no coração, sera que vou ser salva? porque irmão só Deus sabe o quanto o amo, só Deus sabe o quanto choro, Só Deus sabe a angustia que esta dentro do meu coração e o arrependimento que este ato me trouxe. Quanto ao meu esposo, nossa irmão eu o amo demais, e o senhor tinha preparado um esposo excelente, não tenho do que falar dele, mas agora que isso aconteceu, se eu disser alguma coisa pra ele, ele nunca mais vai querer me ver, porque ele é muito rígido com as doutrinas da ccb, ainda não temos filhos, pq [sic] faz somente 2 anos que somos casados, mas ia ser muito ruim ter que viver longe do meu amor! Irmão o que eu faço, estou desesperada, triste e chorando muito, com uma dor terrível no meu peito, naum [sic] sei como explicar, é horrível irmão só o fato de pensar [sic] que Deus nunca mais podera me perdoar [sic] e também ter que viver longe do meu esposo, o que eu faço? que conto pro meu esposo?

bom era isso, que Deus abençoe você meu irmão! (BLOG DO MARIO, 2009).

No site Yahoo Respostas, onde as pessoas podem compartilhar dúvidas sobre quaisquer temáticas, há diversos questio-

namentos feitos por membros da CCB relacionados a aspectos doutrinários. Ao menos dois chamam atenção, pois revelam a dúvida com relação aos pecados de ordem sexual:

Que praticas sexuais são caracterizadas “pecados de morte” na ccb?

(obs: pessoas de qualquer religião pode opinar)

sexo oral, masturbar o namorado, fantasias, sexo anal??? sabemos que “sexo” antes do casamento é pecado na ccb, mas até onde as brincadeiras de namorados podem ir sem ser consideradas “pecado”...

me ajudem please

Melhor resposta – escolhida pelo autor da pergunta

olá, eu sou da ccb...

sexo antes do casamento é pecado de morte, correto! agora assim, em questão de “brincadeiras”... eu considero que qualquer uma que não haja o sexo realmente pode ser utilizada...sexo oral e anal, são derivações do “sexo” e masturbação possivelmente também, então essas já seriam pecado, mas tudo depende do seu ponto de vista...tudo é entre a sua relação com Deus.

espero ter ajudado =) (YAHOO RESPOSTAS, 2009, grifo nosso).

Membros da ccb me ajudem Para o pecado de morte tem salvação?

Será que recuperarei minha liberdade nos cultos?

Sou membro da congregação cristã no brasil batizado mais [sic] pequei tive relações sexuais e fiquei afastado algum tempo da igreja mais estou muito arrependido não faço mais nada para desagradar a DEUS agora estou casado congrego quase todos os dias da semana e novamente sinto a presença de DEUS mais uma vez na minha vida por favor algum irmão que já passou pela mesma situação me ajude será que eu ainda tenho jeito por favor me respondam!!!! (YAHOO RESPOSTAS, 2009).

Atualmente, uma pequena parcela dos membros da CCB, principalmente aqueles que possuem acesso à rede mundial de computadores, está revisando o conceito de pecado de morte. Na comunidade “CCB Congregação Cristã no BR”, no site de relacionamentos Orkut, é possível encontrar depoimentos de membros ativos da CCB que rechaçam o conceito de adultério e fornicação como pecados imperdoáveis, citando textos

bíblicos que dão conta de que Deus pode perdoar o pecador arrependido. Porém, esse é ainda um grupo bastante restrito. O que prevalece, entre a grande maioria dos membros, é a consciência de que, caso cometam pecados de ordem sexual, nada mais resta a fazer a não ser esperar o juízo final e o castigo eterno.

Membros nessas condições veem-se diante de um sentimento de impotência e fracasso. Na CCB, costuma-se referir a esses membros como “náufragos na fé”. Com suas forças psicológicas comprometidas, o membro dificilmente procura tratamento terapêutico, já que, para si, a causa de sua doença é exclusivamente espiritual. Trata-se do castigo divino diante de seu naufrágio na fé.

3. MÉTODO

Para a realização da pesquisa com cunho quantitativo, fez-se uso da referência bibliográfica, privilegiando os autores que abordaram a questão do medo, do pecado, do protestantismo e suas doutrinas e o problema da depressão, bem como aqueles autores que pesquisaram o desenvolvimento histórico e doutrinário da Congregação Cristã no Brasil. Embora limitado, foi visitado o material bibliográfico da CCB, composto de atas, estatutos e resumos de ensinamentos. Por meio da revisão da literatura foi investigada a relação entre o sentimento religioso e a concepção de doença depressiva entre os cristãos, focalizando os membros pertencentes à CCB.

Buscando-se alcançar o objetivo da pesquisa, foi realizada pesquisa de campo, da qual participaram membros e ex-membros da CCB. Foram abordadas 102 pessoas com perfil necessário para participar da pesquisa. Porém, apenas 24 aceitaram participar. Portanto, a amostragem é constituída de 24 pessoas, que responderam voluntariamente a um questionário, visando perceber a relação entre depressão e o sentimento religioso entre os membros da CCB. Vinte e um entrevistados responderam ao questionário por e-mail. Três entrevistados responderam ao questionário pessoalmente. Dessa forma, a pesquisa de campo adquiriu formato de “estudo de caso”.

Para pertencerem ao grupo de estudo, os indivíduos precisavam atender aos seguintes parâmetros:

1. Ser ou ter sido membro da Congregação Cristã no Brasil.
2. Terem sido batizados na denominação⁵.
3. Aceitarem o termo de consentimento de participação na pesquisa.
4. Aceitarem voluntariamente responder às questões da pesquisa.
5. Em caso de menores de idade, ser autorizado pelos responsáveis.

O questionário colheu os seguintes dados dos entrevistados:

1. Nome
2. Número na pesquisa
3. Idade
4. Sexo
5. Cidade/UF
6. Membro ativo/Ex-membro
7. Tempo de frequência

O questionário foi composto de 7 (sete) perguntas e, ao final, foi facultado ao entrevistado apontar livremente observações pessoais:

1. Durante o período em que frequenta ou frequentou a Congregação Cristã no Brasil, sentiu-se deprimido em algum momento?
2. A qual causa ou motivo você atribuía seu estado depressivo?
3. Conhece a doutrina do pecado de morte?
4. Considera a doutrina do pecado de morte como agravante para seu estado depressivo?
5. Quando deprimido procurou ajuda junto à liderança da igreja?
6. Quando deprimido, buscou ajuda especializada (terapêutica)?
7. Considera que seu sentimento religioso dificultou a busca por um tratamento especializado?

⁵ O batismo é a forma pela qual o indivíduo é aceito como membro da CCB. A única restrição para o batismo é que se tenha mais de 12 anos de idade. Portanto, a pesquisa não fez restrição à faixa etária, considerando apenas que os entrevistados tinham acima de 12 anos.

Com relação aos aspectos éticos, os indivíduos que participaram da pesquisa o fizeram de forma voluntária, tendo sua identidade preservada. As informações e os dados foram tratados com o mais absoluto sigilo. Foi reservado ao entrevistado o direito de omitir-se da resposta de qualquer questão formulada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão literária até aqui tem demonstrado a estreita relação entre pecado e depressão. Entre os cristãos, a possibilidade de cometer determinado tipo de pecado ou o fato de ter cometido o pecado tem sido fator de desenvolvimento de sentimentos como angústia e tristeza. Em muitos casos, há também a associação entre os distúrbios de ordem mental com a ação demoníaca. Não se ignora aqui que, de fato, em determinados casos, os pecados cometidos constituem o elemento desencadeador da depressão, como relata o psiquiatra cristão John White (2011):

Meu paciente parecia profundamente deprimido. Eu me vi insistindo com ele para que abandonasse o seu pecado, embora não soubesse de nenhum pecado do qual pudesse ser acusado. Minhas palavras, contudo, penetraram na sua armadura. Lentamente ele começou a reagir, fustigando-me com acusações sobre os meus próprios pecados e fracassos. Ele se dirigia aos pés da cama e não a mim, cuidadosamente evitando o meu olhar enquanto lentamente se enfronhava num frenético ataque verbal contra mim, um ataque totalmente inconsistente com a sua personalidade, geralmente educada e gentil. No final, concordou que eu orasse com ele. Depois da oração, ele deitou-se na cama e adormeceu. De manhã ele não se lembrava do que havia acontecido. Estava bem disposto e com a mente sadia. Mais tarde se casou, teve filhos, serviu a Deus fielmente por muitos anos no campo missionário e até onde eu sei nunca mais teve problema semelhante.

Tem-se, no caso acima, um exemplo do caráter terapêutico da religião. Uma vida inconsistente com sua fé provavelmente estava minando as energias do paciente em questão. A confissão e o abandono das práticas incongruentes com a fé

após ter recebido uma oração podem ter sido preponderantes para a recuperação de sua saúde mental. Interessante ressaltar que o exemplo em riste trata de um caso de um cristão que não associou seu estado depressivo às práticas pecaminosas, buscando ajuda terapêutica profissional. Porém, a maioria dos casos tem sido o contrário. O cristão deprimido resiste a procurar o terapeuta. Quando muito, busca aconselhamento junto à liderança da denominação à qual pertence. Se tal liderança não estiver preparada para lidar com a questão, o quadro tende a se agravar. Dessa forma, poucos são os cristãos que, achando-se tristes ou angustiados, associam seu estado com algum tipo de distúrbio de ordem fisiológica.

A cosmovisão cristã desenvolveu-se, historicamente, sobre as bases da doutrina de Santo Agostinho com relação à sexualidade. Porém, a teoria agostiniana possui uma metateoria subjacente: a filosofia grega, que exalta os aspectos intelectuais da alma em detrimento dos instintos do corpo. Aquilo que é humano e terreno torna-se impuro e mau, ao passo que as coisas concernentes a alma, ou ao mundo das ideias, são boas e puras:

Estamos diante de uma reafirmação da doutrina agostiniana da sexualidade. Sexo não é um fim, é apenas um meio. O seu objetivo é completar o número dos predestinados por Deus para a salvação e para a perdição. Combinam-se, assim, na moral sexual, duas determinações. A primeira delas exige que o sexo se desvincule do erótico. A segunda exige que a função sexual se subordine à intenção consciente de procriação. O que é importante enfatizar é que a doutrina da sexualidade pressupõe uma antropologia. E Agostinho, neste caso específico, é a influência determinante tanto da antropologia católica quanto da antropologia protestante. Mas por detrás de Agostinho encontra-se o pensamento grego acerca do homem, que divinizava as funções intelectuais da alma em detrimento dos impulsos vitais do corpo. A desordem antropológica é então equacionada como o predomínio das funções vitais sobre as funções intelectivas e a sua cura é entendida como a restauração destas últimas e a repressão das primeiras. A doutrina agostiniana do pecado original é um caso clássico em que o mito da queda é interpretado em termos das categorias gregas. E isso se revela, na sua forma mais evidente, na sexualidade (ALVES, 2005, p. 214).

Vivendo a permanente tensão entre os desejos do corpo e a moralidade sexual cristã, muitos cristãos podem desenvolver um estado de neurose. Porém, o dilema não é encarado apenas como desejos ou instintos a serem reprimidos. Acrescenta-se o elemento da tentação, pelo qual o demônio incita o cristão a cometer o pecado. E tal pecado não passará incólume, mas acarretará a devida punição divina.

Na religião cristã, pode-se supor um agravante na relação entre pecado e castigo. Para as religiões primevas, como o totemismo, o castigo relacionado a um agravo contra as divindades era temido. Porém, o temor estava limitado apenas a este plano. Pestes, pragas, fome, seca ou enchentes seriam as consequências punitivas por parte das divindades. Já para o cristão, o temor vai além. Mesmo relacionando o fracasso financeiro, doenças e perdas ao castigo divino, há ainda o temor do além-túmulo, o medo do inferno. “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt 10:28).

Ao ser batizado na CCB, o indivíduo precisa abrir mão de suas concepções sobre a vida e as coisas, adotando um discurso pronto, o que lhe proporcionará o *status* necessário para fazer parte desse grupo social.

A objetividade do mundo social significa que o indivíduo o apreende como uma realidade externa que não é prontamente receptiva a seus desejos. Está lá para ser reconhecida como realidade, para se chegar a um acordo com ela como “dura realidade” (BERGER, 1985, p. 94).

Esse processo colocará o indivíduo em tensão entre seus instintos e desejos e a moralidade que precisa ser interiorizada.

Como em todos os produtos de interiorização, há uma tensão dialética entre a identidade socialmente (objetivamente) fixada e a identidade subjetivamente apropriada, ponto fundamental para a psicologia social (BERGER, 1985, p. 95).

Analisando a grande preocupação doutrinária da CCB com relação ao comportamento de seus membros, principal-

mente no que diz respeito às vestimentas, pode-se inferir que tamanho rigor está diretamente relacionado com a sexualidade:

O povo de Deus aumenta; muitos sem entendimento ainda das determinações da Palavra de Deus trazem para o meio da irmandade certos costumes e moda perniciosos e de má aparência. Não podemos entretanto determinar às irmãs se vestirem como freiras no entretanto podemos exortá-las porém, não obrigá-las a se vestir com vestidos até aos pés e fechados até ao pescoço e mangas até nas mãos. Todavia não podemos deixá-las em modas livres e decompostas acompanhando o modernismo, fazendo-lhes ver que não se devem vestir escandalosamente pois tal não é a porte de uma serva de Deus (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 1961-1969).

A preocupação com a sexualidade pode ser explicada pelo conceito estabelecido de que, uma vez caindo em pecados de ordem sexual, o crente perde sua salvação. Dessa forma, a tensão vai além do temor em cometer o ato sexual. Transpassa para a forma de se vestir, falar e se relacionar. Tanto que, na ocasião do culto público, os homens devem assentar-se separadamente das mulheres, ainda que se trate de suas esposas ou filhas. As mulheres devem trajar vestidos ou saias. As blusas devem ter mangas e não podem ter decotes, dentro do templo ou fora dele. A única concessão para a utilização de calças femininas é nos casos em que a profissão da mulher assim exija.

A doutrina da CCB apresenta traços do calvinismo⁶ e do arminianismo⁷, simultaneamente. É comum o discurso de que “no tempo certo, Deus fará a obra, se for de Sua vontade”, com relação àqueles que não pertencem à denominação. Para ser membro da CCB, é preciso que Deus realize um “chamado”, que a pessoa seja “tocada por Deus” e trazida para o grupo. Porém, após o batismo, o indivíduo assimila o

⁶ Segundo João Calvino, o princípio da predestinação absoluta seria o responsável por explicar o destino dos homens na terra. Tal princípio defendia a ideia de que, segundo a vontade de Deus, alguns escolhidos teriam direito à vida eterna (O CALVINISMO, 2008).

⁷ Doutrina baseada no pensamento de Jacó Armínio, em que todos os crentes têm plena certeza da salvação com a condição de que eles permaneçam em Cristo. A salvação está condicionada à fé, perseverança, portanto, também está condicionada. Apostasia (desvio de Cristo) só é cometida por uma deliberada e proposital rejeição de Jesus e renúncia da fé (WIKIPEDIA, 2009).

seguinte discurso: “para ser salvo, é preciso ser firme e fiel até a morte”. Nesse sentido, após o batismo, toda a responsabilidade da salvação é atribuída ao membro. Mesmo tendo sido “chamado na graça”⁸, caso cometa o pecado imperdoável, ou “pecado de morte”, esse indivíduo perde sua salvação. Historicamente, esse pecado imperdoável tem sido relacionado aos pecados de natureza sexual.

A orientação da CCB sobre os pecados sexuais constitui ponto diferencial em relação às demais denominações cristãs. Se, para os demais protestantes, a moralidade sexual pode desencadear neuroses, a possibilidade de o membro da CCB perder a salvação por cometer esse tipo de delito pode acentuar os quadros de distúrbios de ordem mental. São recorrentes os casos de membros que vivem em profunda tristeza por causa de seus desejos e pensamentos relacionados à sexualidade, ou de membros e ex-membros em permanente estado de angústia por terem cometido fornicação ou adultério.

A pesquisa de campo enfrentou algumas dificuldades na captação de voluntários. Grande parte das pessoas abordadas negou-se a responder à entrevista. Algumas até mesmo se dispuseram a receber o questionário, porém não responderam a ele. Para tentar compreender essa resistência, as palavras de Rubem Alves (2005, p. 156) podem auxiliar:

O converso, antes mesmo de aprender qualquer coisa sobre o mundo, já aprende a se interpretar com aquele que ignora. O seu conhecimento é suspenso num parêntesis de dúvida. Não se lhe permite que ele invoque o que ele pensa saber, para criticar o conhecimento que a Igreja lhe transmitirá. E isso porque seu conhecimento é uma herança do seu tempo de trevas e perdição. Sua mente é reduzida à condição de *tabula rasa*, folha de papel em branco. Não há o que dizer. Só se deve escutar. Atrofia-se a boca. Hipertrofia-se os ouvidos. Ele nada mais é que um aprendiz, que se submete à instituição que, ele sabe, detém o monopólio do conhecimento absoluto e que, por isso mesmo, detém sempre o monopólio do direito de falar.

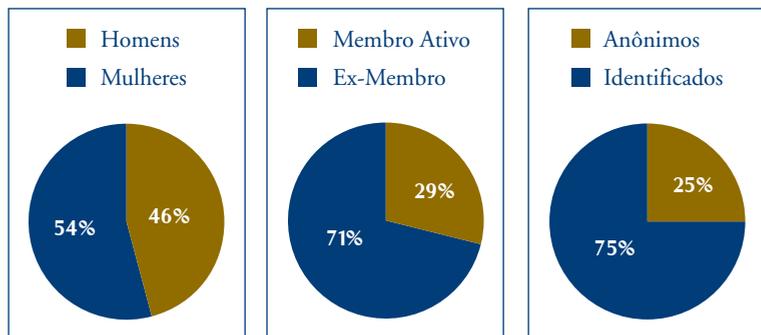
Ao abrir mão das informações que possuía em sua construção de mundo, o membro da CCB deve enxergar todas as

⁸ Termo comum na CCB para designar quem foi batizado.

coisas, inclusive aquelas relacionadas aos seus próprios sentimentos, a partir do prisma da doutrina. Admitir que se sente deprimido, ou relacionar o estado depressivo à doutrina da igreja, seria talvez um exercício de desconstrução, minando a segurança gerada pelas verdades estabelecidas.

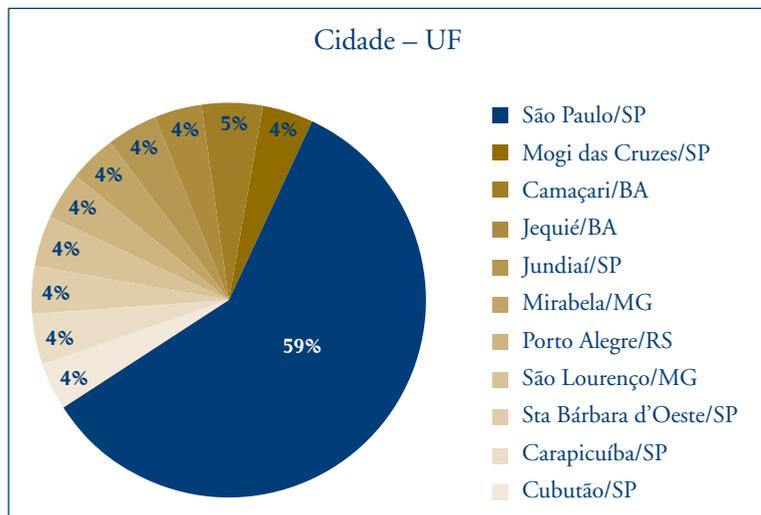
Embora trabalhando com um universo bastante restrito por causa da dificuldade em obter voluntários para a entrevista, a pesquisa de campo apontou para resultados que parecem subsidiar o referencial teórico utilizado. Seguem os dados obtidos.

Gráfico 1 – Perfil dos entrevistados



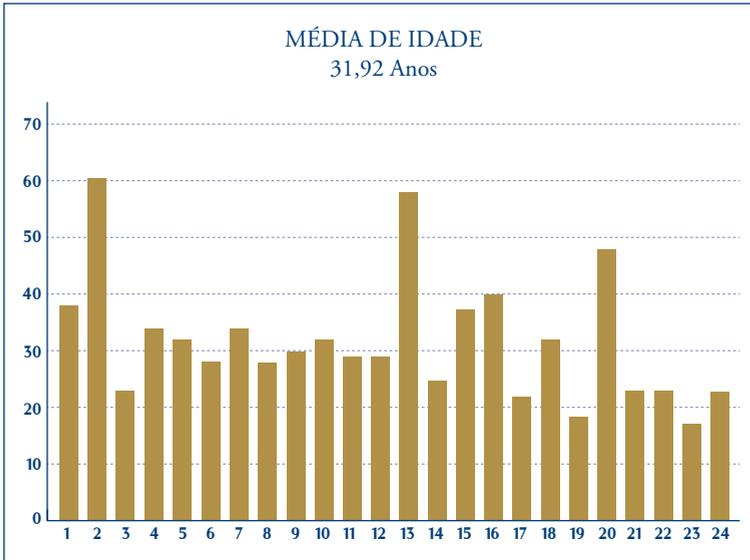
Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 2 – Perfil dos entrevistados



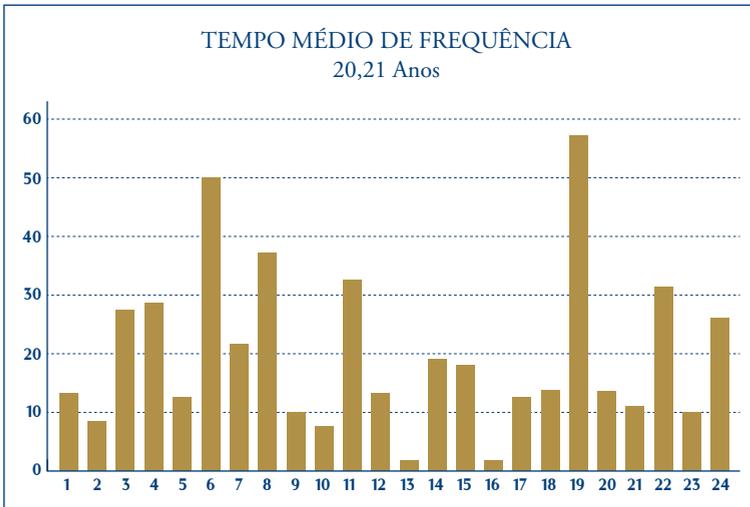
Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 3 – Perfil dos entrevistados



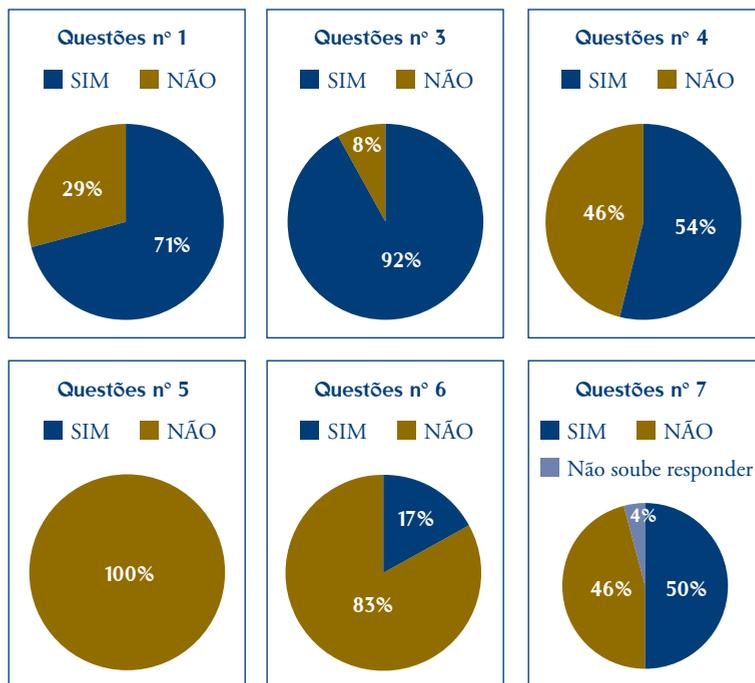
Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 4 – Perfil dos entrevistados



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 5 – Respostas às perguntas do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor.

A questão nº 2 era de cunho pessoal; nela o entrevistado deveria relatar a que causa ou motivo atribuía o estado depressivo enfrentando. Setenta e um por cento dos entrevistados afirmaram sentir-se deprimidos em algum momento, durante a frequência à CCB. Destes, 67% relacionou seu estado depressivo com fatores doutrinários, como o medo de perder a salvação, cometer o pecado de morte ou desagradar a Deus. A transcrição de alguns depoimentos pode auxiliar na compreensão do estudo:

A influência da doutrina pregada pelo ministério da CCB, o pecado de morte, todo aquele que o praticar jamais poderá ser o mesmo, tal afirmação afeta a autoestima do membro dessa seita (Entrevistado n. 1).

Quando ouvia as palavras que saía [sic] da boca do ancião que dizia a alma que pecar esta morrerá então eu já me sentia morta (Entrevistado n. 6).

Principalmente quando o ancião dizia que tinha alma que já estava morta, e não tinha mais parte com Deus (Entrevistado n. 8).

O principal motivo era vida reprimida pelo constante medo de pecar, pois pecar seria perder a vida eterna ou em caso de recebido perdão pelo único oráculo mediador no caso o ancião, seria uma espécie de membro de segunda classe, outro fator interessante o membro depressivo carega [sic] uma áurea [sic] de santidade não somente para ele, mas para outros membros [sic] também, é uma vida de mártíreo [sic] e tristeza suplicada (Entrevistado n. 11).

Durante minha infância/adolescência na referida denominação, entendi que Deus estava pronto a me castigar por qualquer erro cometido. Nas reuniões de jovens, o cooperador mandava toda a mocidade dizer: “A alma que pecar, esta morrerá”. A sexualidade é tratada na CCB como maldição. Então, conversar sobre sexo ou perguntar qualquer coisa sobre o assunto era pecado, e a masturbação também era tratada como pecado imperdoável. Não só eu, mas muitos jovens da minha época eram perturbados com a idéia de estar condenados ao inferno. Uma das garotas da igreja “pecou” e virou alcoólatra, só para citar um exemplo. Mesmo depois de haver saído de lá e me firmado em outra igreja, ao me casar descobri que estava traumatizada a ponto de não conseguir ter relacionamento sexual saudável com meu esposo. Embora tivesse chegado virgem ao casamento, não diminuiu meu medo de perder minha salvação por causa do sexo. Confesso que quis morrer. Foi mais de um ano de crise. Estou me recuperando pouco a pouco (Entrevistado n. 14).

Acredito que o motivo do estado depressivo dentro da igreja CCB foi devido as pressões que eles faziam, “não pode isso”, “não pode aquilo” sempre focando que Deus irá te castigar e também pela pressão familiar dizendo que se não frequentasse iria para o inferno (Entrevistado n. 15).

Medo de errar, pecar o pecado de morte e perder a salvação (Entrevistado n. 19).

Medo de desagradar a Deus (Entrevistado n. 20).

Pensava que se pecasse perderia a salvação (Entrevistado n. 21).

Ao final do questionário, foi facultado ao entrevistado transcrever livremente suas observações pessoais. Entre os depoimentos, alguns apresentam dados importantes para a pesquisa:

Vale salientar que esse sentimento depressivo foi superado quando do conhecimento da ciência e o distanciamento da religião (Entrevistado n. 1).

Embora não tenha me sentido deprimido, compreendo que se passar por esta situação terei problemas em procurar tratamento especializado (Entrevistado n. 4).

A CCB É UMA IGREJA QUE LEVA SEUS MEMBROS A FICAREM SEMPRE DEPRESSIVOS, PQ [sic] NÃO CONSEGUEM SEGUIR A DOCTRINA, ACHAM QUE A SALVAÇÃO É ALCANSADA [sic] PELAS OBRAS, DESSE MODO ACHAM QUE NUNCA VÃO SER SALVOS. GRAÇAS A DEUS QUE A SALVAÇÃO É PELA GRAÇA BASTA ACEITAR A JESUS CRISTO COMO ÚNICO SALVADOR (Entrevistado n. 7).

Hoje, sou membro de outra igreja, me casei e continuo exercendo meu ministério de música. Mas, para chegar aqui, o sofrimento foi grande. A CCB precisa urgentemente mudar certas 'doutrinas', que são manipulatórias e abusivas, se não quiser estragar mais os sentimentos e emoções de suas ovelhas (Entrevistado n. 14).

Alguns meses antes de sair da CCB me sentia oprimida, pois a vontade de sair de lá era enorme, porém não podia devido a família ser apegada demais a religião. Aguentei alguns meses e o ápice de minha saída foi quando ouvi pela última vez que Deus iria colocar um câncer se cortassem o cabelo. Achava tudo isso um absurdo e sai da igreja enfrentando a tudo e a todos. Nesta época eu estava bem segura e sai da igreja desacreditada da existência de Deus. Comecei a criticar qualquer tipo de religião e depois de 1 ano comecei a entrar em depressão novamente, pelo fato de acreditar que não existia nenhum ser superior e que estávamos neste mundo a toa. Nessa época conheci o atémos [sic], agnosticismo, espiritismo e depois de uma experiência com eu voltei a frequentar a igreja, mas não a CCB e sim a Batista (Entrevistado n. 15).

Das informações equacionadas pela pesquisa, chamam atenção os seguintes dados: 71% dos entrevistados afirmaram ter sentido algum sintoma depressivo durante o período de frequência na CCB; 54% consideram a doutrina do pecado de

morte como agravante para o estado depressivo; nenhum entrevistado com depressão procurou ajuda da liderança da igreja; apenas 17% buscaram ajuda terapêutica especializada; 50% dos entrevistados consideram que o sentimento religioso dificultou a busca pelo tratamento especializado. Esses dados reforçam a tese de que o sentimento religioso possui relação direta com o estado depressivo. Foram recorrentes os casos em que o entrevistado relacionou seus sentimentos de angústia e tristeza com o medo da punição divina, do pecado ou de ferir a doutrina seguida. O baixo percentual dos que procuraram ajuda terapêutica profissional aponta para a dificuldade que o membro da denominação possui em relacionar sua depressão com fatores fisiológicos, vinculando-os, na maioria dos casos, a questões de cunho espiritual.

5. CONCLUSÃO

Ao longo de seu desenvolvimento, a CCB tem procurado estabelecer um claro afastamento das demais denominações cristãs. A preocupação com o comportamento dos membros, principalmente no que concerne às questões sexuais, tem sido marca distintiva da denominação. Ao completar cem anos de existência em solo brasileiro, pouca coisa foi alterada em termos doutrinários. O rigor com que trata os pecados sexuais aponta para uma hermenêutica particular com relação a alguns textos bíblicos, que tratam do pecado de morte. Visitando documentos da denominação e depoimentos dos membros em sites de relacionamento na rede mundial de computadores, foi possível verificar que, ao longo de sua história, a CCB tem feito clara relação entre o pecado de morte e os pecados de natureza sexual. Ao assimilar o escopo doutrinário da denominação, o membro passa a viver a tensão entre seus desejos, ou os desejos da carne, e as exigências de uma vida casta. Tal tensão é acentuada pelo fato de compreender que, caso cometa pecados dessa natureza, sua vida espiritual chegou ao fim. Passa a ser considerado pelo grupo como “pecador de morte”, sem a possibilidade de alcançar o perdão divino.

Nesse sentido, o sentimento religioso do membro da CCB demonstra-se fator precípua no desenvolvimento de estados

emocionais como tristeza, apatia, angústia e melancolia, desencadeando a depressão. O estudo de caso apontou para o baixo índice de membros que procuraram ajuda terapêutica quando deprimidos, revelando o fato de que o sentimento religioso tem sido fator impeditivo para o diagnóstico e tratamento adequado do problema, sendo este relacionado pelos membros, na maioria dos casos, com fatores estritamente espirituais. Permanece assim a relação causal entre pecado, castigo divino e depressão.

THE SIN OF DEATH'S DOCTRINE AS A FACTOR OF DEVELOPMENT OF DEPRESSIVE CASES AMONG THE MEMBERS OF THE CHRISTIAN CONGREGATION IN BRAZIL

ABSTRACT

The goal of this research is to analyze the serious modern problem related to depression, focusing on the religious feelings of the members of the Christian Congregation of Brazil. Historically, the so-called diseases of the brain were related to spiritual factors, as the punishment for sin or transgression of divine commandments. Although it has its therapeutic character, the religious feeling has been considered as impediment to Christians with mental diseases to look for professional therapeutic treatment. Within the evangelical theology, certain sins, especially of sexual order, are considered as serious mistakes, liable to divine punishment and penalty. The general Christian finds himself in a constant state of tension between instinctive desires of his body and the precepts that govern his faith. To make matters worse, the Christian Congregation of Brazil has advocated throughout its history, that the sins of sexual order are irreversible, considered as “death sin”. Members of this denomination live in great tension, because if you commit such a sin, you lose your ‘Child of God’ condition and church member status. In this condition, for the individual who commits such an sin, there is no longer hope, for his sinful condition puts him directly in opposition to God, without any prospect of spiritual revival in the group. The research seeks to understand the causes that led the Christian Congregation in Brazil to adopt what they call the “doctrine of death sin” and its unequivocal relation with the sins of sexual order, as

well as to understand to which levels this doctrine can influence the factors that lead their members to a depressive state.

KEYWORDS

Christian Congregation of Brazil; depression; death sin; guilt; doctrine.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- AITKEN, G. L.; AITKEN, E. V. de P. *Dor na alma: uma dor que ninguém compreende*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- ALVES, R. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985. (Sociologia e religião).
- BLOG DO MARIO. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.blogdomario.com/2009/08/quem-peca-de-morte-tem-salvacao.html>>. Acesso em: 24 abr. 2011.
- CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *Estatuto reformado*. São Paulo, 1936.
- CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *Circulares*. São Paulo, 1984.
- CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *Estatuto reformado*. São Paulo, 2004.
- CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *Resumo de ensinamentos das Assembléias Gerais – 1ª à 74ª*. São Paulo, 1936-2009.
- DELUMEAU, J. *O pecado e o medo*. Bauru: Edusc, 2003. v. 1.
- DEUS, P. R. G. de. *As influências do sentimento religioso sobre o cristão portador de depressão*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

- DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.
- DURKHEIM, É. *As regras do método sociológico*. 3. ed. São Paulo: Martins, 2007. (Coleção Tópicos).
- FOERSTER, N. H. C. Poder e política na Congregação Cristã no Brasil: um pentecostalismo na contramão. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 8, n. 8, p. 121-138, out. 2006.
- FRAZER, J. G. *O ramo de ouro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GOMES, A. M. de A. (Org.). *Eclipse da alma: a depressão e seu tratamento sob o olhar da psiquiatria, da psicologia e do aconselhamento pastoral solidário*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. 290 p.
- JUNG, C. G. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- MONTERO, P. *Magia e pensamento mágico*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990. 80 p. (Série Princípios).
- O CALVINISMO. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.ocalvinismo.com/search/label/Jo%C3%A3o%20Calvino>>. Acesso em: 21 maio 2011.
- OTTO, R. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- ORKUT. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/CommMsgs?cmm=258102&tid=5398791917081614786&kw=pecado+de+morte+adult%C3%A9rio>>. Acesso em: 23 abr. 2011.
- SILVA, M. F. da. *Por trás do véu: a história da primeira denominação pentecostal brasileira*. São Paulo: Betesda, 2007.
- WHITE, J. *As máscaras da melancolia: um psiquiatra cristão aborda a problemática da depressão e do suicídio*. São Paulo: ABU, 2011.
- WIKIPEDIA. Arminianismo. 2009. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Arminianismo>>. Acesso em: 23 abr. 2011.
- YAHOO RESPOSTAS. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090311082645AAG2k8b>>. Acesso em: 22 abr. 2011.